

Ano 2, Vol II, Número 2, Jul-Dez, 2018, p.249-265.

COMO NOS TORNAMOS PROFESSORES DE EJA: UMA ANÁLISE A PARTIR DA HISTÓRIA DE VIDA

Adriele Texeira de Aquino
Adriana Francisca de Medeiros

RESUMO: O objetivo desta pesquisa foi analisar a história de vida de dois professores da educação de Jovens e adultos buscando-se compreender os motivos que os conduziram a tornarem-se docentes nesta modalidade e faixa etária de ensino. O processo de investigação foi conduzido em uma escola do município de Humaitá que atende a alunos dos três segmentos do período noturno. Nessa investigação, foi utilizada uma abordagem qualitativa baseada nos estudos de Josso (2002), Nóvoa (1992) e Bueno (2002), Passegi (2001) entre outros, todos autores que utilizam as referências da vida cotidiana de cada um dos seus personagens como meio de interpretar também a história de cada um deles. Os dados construídos revelaram que a escolha, de ambos, pela docência na EJA foi principalmente decorrente das necessidades pessoais e não por motivação e identificação com a modalidade e público assistido.

PALAVRAS-CHAVES: Educação de Jovens e Adultos; Histórias de vida; Professor.

ABSTRACT : The objective of this research was to analyze the life history of two teachers of youth and adult education, seeking to understand the motives that led them to become professors in this modality and age range of teaching. The investigation process was conducted at a school in the city of Humaitá that serves students in the three segments of the night period. In this investigation, a qualitative approach was used based on the studies of Josso (2002), Nóvoa (1992) and Bueno (2002), Passegi (2001) among others, all authors who use the references of everyday life of each of their characters as a means of Also interpret the story of each of them. The constructed data revealed that the choice of both by teaching in the EJA was mainly due to personal needs and not by motivation and identification with the modality and assisted public.

KEYWORDS: Youth and Adult Education; Life stories; Teacher.

SER PROFESSOR: Algumas Reflexões a partir das histórias de vida

Jamais pude entender a educação como uma experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos deveriam ser reprimidos. Exatamente assim é que vejo os professores, os alunos, serem com alma, sonhos, emoções e desejos, ávidos por ensinar e aprender.
Paulo Freire¹

Para iniciarmos nos remetemos à epígrafe que inaugura essa secção, nos remetemos uma citação do educador Paulo Freire. Para o citado professor, o ofício da docência é permeado de inúmeros saberes. Na sua última obra, *Pedagogia da Autonomia*: saberes necessários a prática educativa, escrita pouco antes do seu falecimento, Freire elenca 27 (vinte e sete) tipos de saberes, que na sua concepção seriam necessários no fazer pedagógico. Entre estes, está a consciência do inacabado, “Na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento” (FREIRE, 1997, p.22). Em outras palavras, somos seres em constante construção, seja na vida pessoal, profissional e acadêmica.

Assim como seres inacabados que somos, nesse trabalho tentaremos analisar a construção desse profissional a partir da sua trajetória particular que envolve as 3 (três) dimensões em uma edificação permanente.

Para nos aventurar nessa análise nos baseamos nos estudos de Josso (2002), Nóvoa (1992) e Bueno (2002). As pesquisas dos citados estudiosos fundamentam-se na metodologia de pesquisa – história de vida. Para estes, esses procedimentos metodológicos se apresentam como importante na formação de professores pela possibilidade de proporcionar a estes, narrar sua história de vida e realizar uma auto-reflexão para (re)planejar ações futuras, tendo em vista seu desenvolvimento profissional e pessoal.

¹ Pedagogia da autonomia (1997,p.54)

As pesquisas sobre história de vida

As histórias de vida tornaram-se nessas últimas décadas, um método de investigação muito presente no âmbito das ciências humanas. Foi introduzida no meio acadêmico, em 1920, pela Escola de Chicago. A partir da década de 1960, esse método de pesquisa procurou estabelecer as estratégias de análise do vivido, constituindo um método de coleta de dados do homem no contexto das relações sociais, com sua evolução contínua, assumindo assim a sua credibilidade merecida.

É inerente à natureza humana contar histórias. Não há nenhuma experiência existencial que não possa ser expressa na forma de uma narrativa. A narrativa é um dos elementos essenciais das histórias de vida. De acordo com Pineau (1993, p.03) “as histórias de vida não se limitam à escrita (biográfica, autobiográfica, diários, memórias), mas abrem-se para outros meios orais e visuais (fotos, teatro, rádio, televisão, vídeo, cinema) que duplicam as possibilidades naturais de expressão”. Ainda de acordo com o estudioso supracitado “as histórias de vida é uma pesquisa e construção do sentido a partir de fatos pessoais temporais”.

A partir do exposto podemos perceber que as histórias de vida priorizam a descrição das experiências humanas retratadas de diversas formas, tal como ela é vivida e como ela é definida por seus próprios atores. Dessa forma, percebe-se a natureza subjetiva que está no cerne da investigação com histórias de vida.

Assim, uma investigação que priorize as informações pessoais do entrevistado exige uma aproximação do pesquisador com os pesquisados para que se estabeleça um contato, uma relação de confiança. Essa modalidade de pesquisa tem no ambiente a fonte direta dos dados e o pesquisador como seu principal instrumento. É caracterizada pela obtenção de dados descritivos, no contato direto do pesquisador com a situação estudada, valorizando e preocupando-se em retratar a perspectiva dos participantes, isto é o significado que eles atribuem às coisas e à vida. Dessa forma, os sujeitos entrevistados são percebidos como os mais importantes no processo. Ou seja, nas narrativas, o que interessa mais ao pesquisador é o ponto de vista do pesquisado. A meta desse tipo de estudo é apreender e compreender a vida conforme ela é retratada e interpretada pelo próprio sujeito. Nessa perspectiva, o pesquisador precisa despir-se da roupagem de donos

do saber, e deve assumir o papel de expectador e ouvir o que o sujeito tem a dizer sobre ele mesmo, o que ele acredita que seja importante sobre sua vida.

O método de história de vida, portanto, procura apreender os elementos contidos nas entrevistas das pessoas, não objetivando, contudo, analisar e julgar suas particularidades, valores e atitudes, já que é comum todo relato trazer à luz direta ou indiretamente uma quantidade de valores e atitudes do grupo do qual faz parte o sujeito. Nesse sentido, histórias de vida, por mais particulares que sejam, são sempre relatos de práticas sociais: das formas com que o indivíduo se insere e atua no mundo e no grupo do qual ele faz parte.

Uma narrativa tem uma função descritiva e de reflexão, pois, quando relatamos um fato, na verdade, estamos tendo oportunidade de refletir sobre aquele momento. Uma vez que o sujeito não relata simplesmente sua vida, ele reflete sobre ela enquanto conta. “O conhecimento de si não é espontâneo, é preciso fazê-lo emergir através da reflexão com o outro e, se possível, retomá-la por escrito”. (PASSEGGI,2001).

Através das narrativas e da escrita de sua vida, o indivíduo se preenche de si mesmo, se obrigando a um exercício de organizar de modo coerente às lembranças desorganizadas e suas percepções imediatas, esta reflexão de si faz emergir em sua narração fatos importantes que pontuam a vida cotidiana, constituindo uma reflexão de sua própria existência.

A História de vida prioriza as vivências do cotidiano dos sujeitos pesquisados. Seguindo essa linha de pensamento, nosso cotidiano é repleto de significações: é um conjunto de situações vivenciadas no dia-a-dia, percebidas individualmente e renovando-se a cada instante.

Para Pineau (1993) só existem dois tipos de grau zero das histórias de vida. Um, são os casos patológicos de amnésia e o outro é o imenso continente da História que escamoteia as pequenas histórias individuais.

Dessa forma, as investigações a partir do método histórias de vida, podem ser aplicadas a qualquer sujeito.

Narrativas de si: abordagem experiencial e práticas de formação

De acordo com Josso, (2004, p. 43) “A narrativa de um percurso intelectual e de práticas de conhecimento que põe em evidência os registros da expressão dos desafios de conhecimento ao longo de uma vida.” Desse modo, ao reviver a sua trajetória pessoal, profissional e acadêmica, o professor pode reconhecer os saberes construídos em seu percurso e a contribuição destes para o seu fazer pedagógico, ou seja seu processo formativo. De acordo com Kramer; Jobim e Souza (1996) *apud* Bezerra e Campello (2008,p.01)

A palavra dos professores, o seu depoimento não são exemplo ou ilustração de uma ideia, mas a sua concretização. Se a linguagem é polissêmica, polifônica, e as muitas vozes (nossas e deles) revelam que a autoria é sempre social e coletiva, mais do que somente escrever relatórios fiéis ou sínteses dos textos, precisamos – além desses relatórios e dessas sínteses e a partir deles – escrever outros textos

Desse modo, os estudos que enfocam as histórias de vida possibilitam o resgate de experiências e práticas pedagógicas, nas subjetividades e identidades, as quais ao serem relatadas/registradas através das autobiografias podem servir como parâmetros para si e para outros professores.

Nessa construção permanente vai se formando a identidade do professor, que para Nóvoa (1992, p.16) é: “um lugar de lutas e de conflitos, é um lugar de construção de maneiras de ser e de estar na profissão”, portanto, é um processo longo dinâmico, construído num processo complexo de troca entre seus pares.

Segundo Catani e Bueno, (2000, p.168) ao "abordar a identidade implica, necessariamente, falar do eu, bem como das formas pelas quais o sujeito rememora suas experiências e entra em contato consigo mesmo”. Assim, as lembranças mais significativas são aquelas que carregam significados adquiridos em sua vida prática, na maioria das vezes, nas relações de interações com os outros.

Isto significa, portanto, que os fatos marcantes na nossa trajetória de vida, se constituem poderosos dispositivos que impulsionam ou influenciam nossa identidade, explicam nossas opções, a maneira de agir e de pensar mesmo quando não nos damos conta disso.

Assim, as histórias de vida possibilitam, de acordo com Bueno (2002), ao sujeito ao reconstruir seu itinerário de vida realiza uma reflexão quando rememora o seu passado e a partir disso toma consciência de si, portanto, o caráter formativo do método, reside nessa tomada de consciência de suas experiências sejam elas negativas ou positivas, as quais possibilitam rever certos pontos de atuação enquanto professor.

No caso, específico de pesquisa com professores quando se investiga seu processo formativo utilizando as histórias de vida, “procuramos compreender como evolui a pessoa que é professor, ao longo da idade e com o saber, na relação consigo mesmo” (CAVACO, 1999, p.159).

Tornar-se professor (a) de EJA: História de vidas e Memórias

Segundo Josso (2002, p. 59) “Uma das dimensões da construção das histórias de vida reside na elaboração de um auto-retrato dinâmico por meio de diferentes identidades que orientaram e orientam as atividades do sujeito [...] tanto nos seus aspectos tangíveis como invisíveis”

A partir dessa compreensão, entrevistamos 2 (dois) professores que trabalham com a Educação de Jovens e Adultos que atuam na mesma escola da rede do município do primeiro segmento da EJA em Humaitá – AM.

Para elucidar a trajetória de formação dos professores da EJA e responder a questão de nossa pesquisa: Como nos tornamos professores da EJA? Foi aplicada uma entrevista semi-estruturada com os seguintes pontos: Percurso de vida sobre infância, adolescência e fase adulta, a seguir descreveremos as narrativas dos professores entrevistados².

O percurso de vida segundo as narrativas do professores.

Os professores têm muito o que relatar sobre sua vida, e a cada experiência lembrada é um motivo para se orgulhar da caminhada que teve ao longo tempo. O percurso de vida nos faz elucidar nas nossas lembranças e que muitas dessas histórias

² Optamos por identificar os entrevistados por nomes fictícios para preservar suas identidades. Elegemos os nomes Sansão e Dalila, personagens de uma narrativa bíblica para identificar os colaboradores

compõem nossa trajetória de vida. Segundo Josso (2012, p.40) a importância e influência que a infância tem sobre a nossa trajetória de vida que passamos:

Os contos e as histórias da nossa infância são os primeiros elementos de uma aprendizagem que sinalizam que ser humana é também criar as histórias que simbolizam a nossa compreensão das coisas da vida. As expectativas de que falam as recordações-referências constitutivas das narrativas de formação, contam não o que a vida lhes ensinou, mas o que se aprendeu experiencialmente nas circunstâncias da vida.

As nossas histórias nos entrelaçam momentos marcantes em nossas vida, e faz com que recordamos os fatos que nos passaram a fim de reviver nossas escolhas e experiências que contribuíram para nossa formação seja positiva ou negativa, pois cada escolha tem uma consequência.

Diante desse olhar sobre história de vida e recordações destaquemos as narrativas de Dalila e Sansão sobre sua infância até a fase adulta.

Minha infância foi com muita responsabilidade com vida do lar, sem brincadeiras, sem aquela infância que toda criança deve ter. Por conta de morar no interior as necessidades de ajudar os pais e logo depois veio os irmãos. A minha adolescência não teve aquela fase que dizem do cachorro doido. Tudo tinha hora certa, namoro com responsabilidade, cuidar dos irmãos, mais foi uma fase boa. A adulta foi sair de casa dos meus pais com responsabilidade, entrei na educação, o casamento não deu certo, mas consigo liderar para viver bem. (Dalila)

Minha infância foi normal, vamos dizer assim, não passei fome, mas também não era uma infância digamos assim tão boa, mas para o padrão da cidade de Humaitá normal. As vezes a gente tinha necessidades, por exemplo só tinha um pai que trabalhava, então nós erramos e somos ainda bastante filhos, então eu tenho uma família de 13 irmãos para uma pessoa só sustentar. A minha adolescência também foi boa, vamos dizer boa que também pro padrão de Humaitá para uma família grande foi boa. E agora na fase adulta pelo fato de ter um emprego isso facilitou muita coisa e isso já vai melhorar da infância para cá 100% pois me tornei independente certo. (Sansão)

Observamos que tanto Dalila quanto Sansão são oriundos de família simples, com pouco poder aquisitivo, seus relatos, permitem identificar as dificuldades financeiras que marcaram suas vidas, por outro lado concluem que as modificações estruturais ocorridas no decorrer da vida permitiram buscar a autonomia financeira.

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

São essas memórias, essas vivências e experiências que passamos que vamos construindo nossa vida e nos tornando quem somos no presente agora. São essas bases que a partir delas nos tornamos sujeito reflexivo, das relações que permeiam com o meio social e as influências das dificuldades que nos faz querer ser melhor.

Para dá continuidade ressaltamos ainda sobre matrimônio e filhos. Segundo as narrativas, os colaboradores destacam que:

Tive dois casamentos com fase boa, momentos legais e tive uma filha de 23 anos do primeiro casamento. (Dalila)

Matrimônio olha, Casamento até quando durou foi bom, passei casado 18 anos e nesse 18 anos tivemos uma filha. Não pelo fato de sermos separados continuamos amigos e a filha o que pude fazer por ela estou fazendo e hoje ela praticamente da concluindo o nível superior. (Sansão)

O casamento para Dalila e Sansão foram fases boas em suas vidas, e que mesmo separados ainda possuem uma amizade, e que ambos tiveram uma filha, e querem o melhor para elas. Buscamos ressaltar também nessas fases, acontecimentos e pessoas marcantes.

Ser mãe foi uma fase marcante na minha vida, aos 50 anos o primeiro neto. Não me preocupo com idade, a família me faz bem, são frutos do que eu plantei. Não me preocupo com a matéria pois para mim tem que ter sentido. Dentre os 7 filhos, sou a mas diferente. É sempre bom recomençar, o que passou, passou. (Dalila)

Para Dalila entre fases, acontecimentos e pessoas marcantes a de ser mãe foi a mais importante delas, pois a família como cita ela, é essencial. A família que construímos são frutos mais preciosos que existe em nossas vidas. Sansão diz que:

Olha fases, vamos supor que tudo transcorreu na medida que pude vivenciar tudo isso, como falei não tive uma infância, adolescência daquelas que todo mundo espera, ter tudo do bom e do melhor certo, nem na fase adulta a gente pode ter tudo isso, porque apesar de se tornar uma pessoa independente, a gente precisa de coisas que não tem condições. (Sansão)

De acordo, com o exposto, as dificuldades que enfrentaram desde o início implicaram muito no desenvolvimento destes, o que refletiu na busca de melhores condições de vida.

A trajetória de formação: O que dizem as narrativas dos colaboradores.

A nossa trajetória de vida nos faz compreender que produzimos mudanças em nossas vidas até nossa escolha de profissão. Podemos refletir também que amplia nossos conhecimentos no meio social nos levando a mudar de escolha ou direção para a escolha de profissão. Segundo Passeggi (2008, p.36), o processo de escrita sobre a formação não é fácil:

Escrever sobre o processo de formação parece, aos olhos de quem jamais o fez, uma tarefa fácil. Mas fixar na escrita o que se tenta pegar no ar, o que foge e escapa a cada tentativa é um trabalho ao mesmo tempo laborioso, sedutor e consideravelmente formador.

Realmente não é fácil falar sobre o processo de formação, pois implica pensar nas conseqüências que e escolhas que tivemos e que de qualquer forma influenciou a escolher a profissão por falta de oportunidades e sim por necessidades.

Na narrativa seguinte buscamos compreender sobre a formação dos colaboradores desde a educação infantil ao ensino médio. Buscamos ressaltar ainda a instituição, os aspectos e os professores marcantes. As lembranças escolares também indicam o peso e as marcas da escolaridade inicial na história de formação das professoras. O ingresso na escola e o início da escolaridade trazem consigo sentimentos e representações singulares de cada professora.

Dalila é bem direta e ressalta que:

A educação infantil não tive por conta de no interior não ter. O ensino fundamental foi no interior. Independente de formação eu já tinha compromisso com a educação, bem melhor do que agora. Leitura e escrita não tive. Já o ensino médio foi bom, um problema de família surgiu, mas que não me impediu de terminar. Minhas instituições foram todas públicas e um aspecto e professor marcante foi quando eu repetir o 2 ano, quando surgiu o problema e tinha uma professora má que não deixou eu fazer a prova de recuperação, me reprovou e deixou para baixo. Mas também tive aqueles professores incentivadores. (Dalila)

Mesmo sem formação inicial nos primeiros anos na educação infantil, e que mesmo somente tendo contato com a educação no ensino fundamental, Dalila já percebe seu interesse pela educação, e que mesmo com os problemas de família não fez com que ela desistisse. Essa importância perpassa também pelos fatos marcantes em sua vida, como a professora que reprovou. No dia que entrevistamos Dalila, seu tom de voz alterou e seus olhos ficaram vermelhos, ao relata o citado fato.

Sansão detalha esse período de sua vida:

Olha quanto a essa formação eu sempre tentei ser o melhor, mas eu não nunca quis ser mais um, queria ser aquela pessoa que mudasse a vida de alguém, então eu tentei fazer o melhor. Desde o início ao fim tentei ser o melhor aluno. Comecei na Senhora do Carmo, Álvaro Maia, Tancredo Neves, Gilberto Mestrinho e Oswaldo Cruz, então foi um estudo tudo público. Não tínhamos condições de estudar em escola particular e naquela época uns 30 anos atrás não tinha aqui em Humaitá. Um professor que me marcou muito foi o padre Jose, se hoje estou, onde eu estou, devo muito a esse professor. Um professor que era rígido mais porque ele queria o bem do seu aluno, então me espelhei muito nesse professor, então ele marcou muito a minha vida. (Sansão)

Desde o início já se percebe que Sansão queria ser uma pessoa boa e que mudasse a vida de alguém, e que mesmo com sua escolaridade pública, e na época não ter escola particular e nem condições, ele sempre tentou ser o melhor, mais nunca melhor que ninguém.

Os dois professores estudaram na década da ditadura militar, seus relatos evidenciam a rigorosidade que alguns professores tinham na sua prática pedagógica, porém, as lembranças são evocadas positivamente e negativamente.

No que diz respeito a formação Dalila é formada em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas e Sansão fez o Curso de Normal superior pela Universidade Estado do Amazonas e História pela UFAM pela Plataforma Freire.

A opção da graduação é um momento marcante em nossas vidas. Porém, acaba que às vezes optamos por uma escolha por não ter a oportunidade de fazer o curso que desejamos, assim, aconteceu com Dalila que queria fazer Serviço social. Já Sansão, diz que:

Não, aliás eu sempre quis fazer matemática, eu tenho um gostinho especial pela matemática, mas o que deu pra fazer foi essa e já era professor do município, e como foi oferecido o normal superior para não perder eu fiz, e depois pela plataforma Freire fiz Historia certo, mas a vontade era fazer a matemática, mas só que a matemática não deu pra formar a turma, estão só deu em história e eu entrei. (Sansão)

As lembranças das narrativas validam o processo de formação e interesse pela profissão de ser professor. Segundo Tardif (2011, p.159) destaca que: [...]o processo de formação visa aqui o ‘desenvolvimento’ de uma forma humana de vida que tem em si mesmo sua própria finalidade, noção que engloba, a um só tempo, os fins [...] sociais e individuais do ser humano. (TARDIF, 2011, p. 159)

Ainda, sobre a escolha da profissão os mesmos destacam que:

Foi por falta de escolha e no interior não tinha esse tipo de escolha do que você quer ser, e como com o ensino médio naquela época já podia da aula por conta dos estágios eu me identifiquei e nunca até o momento pensei em desistir. (Dalila)

Olha é, na verdade eu nunca pensei em ser professor, eu pensei em outras profissões, medico, advogado mas o professor caiu assim de paraquedas, foi a necessidade que obrigou, então na época eu estava desempregado e surgiu a oportunidade em prestar esse concurso e eu fiz e gostei, certo, e não pretendo trocar essa minha profissão por outra no momento. (Sansão)

Se percebe que entre os colaboradores a escolha da profissão não se deu por conta própria e sim por necessidade do momento, e das oportunidades que surgiram. Mais é importante ressaltar que mesmo por necessidade os mesmos se identificaram com esta profissão e que não desejam desistir e nem trocar.

Depois da escolha, destaco a entrada na profissão que se dá por mérito nosso ou por uma ajuda. Diante a entrada na profissão, destacam que:

Se deu sem concurso em 89, por influência de um amigo e em 93 passei no concurso e já entrei no município e no Estado em 99. (Dalila)

Foi assim eu era funcionário do estado, só que era todo ano renova o contrato e surgiu essa oportunidade em fazer o concurso e eu naquela época tinha perdido o emprego e não tinha outra oportunidade e na época também já estava casado e não podia ficar desempregado. Então como falei foi a necessidade que me obrigou a entrar nessa profissão do magistério e foi aí que eu gostei e acho que eu peguei o vírus da educação e estou aí até hoje. (Sansão)

A entrada de Dalila no primeiro momento se dá sobre influência de um amigo, pois naquela época muitas pessoas davam entrada na profissão assim, mas logo em seguida entra por mérito próprio do concurso. Sobre Sansão o mesmo já era funcionário do estado e por ano tinha a renovação de contrato, porém o mesmo teve a oportunidade em fazer o concurso.

Do tempo que leciona até tornar-se professor na EJA

Para responder esse aspecto, questionamos os colaboradores na entrevista desde quando lecionam e desde quando na modalidade EJA. Os mesmo responderam que:

Desde 89. Na EJA esse é o meu primeiro ano. Uns tempo atrás trabalhei como substituto de professor e também na coordenação pedagógica da EJA. (Dalila)

Desde 2001. Na EJA eu trabalho desde 2013, está com 5 anos. (Sansão)

Percebemos que a diferença é grande sobre o tempo que lecionam entre Dalila e Sansão. Dalila tem mais tempo na área da educação, mais é seu primeiro ano na modalidade EJA, diferente de Sansão que já trabalha há 5 (cinco)anos.

Para elucidar a questão sobre a opção pela EJA, buscamos saber como se tornou professor da EJA.

Simplesmente lotada, por conta de ser professora do município e como eu queria a noite e a noite só tem a EJA. (Dalila)

Olha, eu já era professor, e comecei a trabalhar como professor em 2001 e depois em 2004 fiz o concurso do estado e passei. Eu tinha que trabalhar 40h e tinha que ser de manhã e de tarde e por falta de como trabalhar tive que passar para noite e foi quando eu comecei a trabalhar na EJA. Ai quando eu comecei a trabalhar com a EJA era o segundo segmento e agora estou trabalhando o primeiro segmento e estou tendo bastante dificuldade pelo fato de ter pessoas de níveis diferentes, pessoas que não sabem nem ler e isso é um problema por que a gente tem que está planejando pra turmas diferentes e não é fácil esse primeiro segmento. Não é fácil mesmo. (Sansão)

É importante destacar que a professora Dalila só resolveu entrar na modalidade EJA por necessidade e precisava ser lotada, da mesma forma o professor Sansão.

Por último, questionamos O que mais contribuiu para sua formação para ser professora de EJA? Segundo Dalila foi “*como eu disse somente por necessidade de correr atrás e lotação de área a noite só ter a EJA*”. A necessidade é presente nas respostas anteriores de Dalila. Tentamos nos aprofundar um pouco mais sobre o porquê de somente por necessidade, mas Dalila preferiu não comentar. Já para Sansão:

Olha, eu não tive uma formação específica, porque era para nos professores termos uma formação específica, porque a formação foi de primeiro ao quinto ano, e também do sexto ao nono mas na área específica. Então eu não tive uma formação específica para mim trabalhar como professor na EJA e trabalhar com essas turmas, e bem que sabe que necessita. Necessita porque são pessoas que já chegam na escola cansados e passam o dia trabalhando e chegam esgotados fisicamente e as vezes não dão muita atenção, principalmente os mais novos, porque aqueles com idade mais avançada são os que mais se interessam em estudar, aí se tem esse grande problema. Então essa minha história de vida com a EJA tem uma experiência desde o início, pelo fato de já ter trabalhado com turmas multiseriadas, temos dificuldades mas é gratificante em trabalhar com eles, a gente vê pessoas que vem de longe e chegam aqui querem estudar mas também tem aqueles que não querem saber de nada, já passaram não sei quantos anos estudando de dia aí a idade chegou e não onde mais passa pra noite. Mas é aquela coisa vem só mesmo para passar o tempo assim também como durante o dia está na mesma situação. Situação hoje. O sistema não está querendo qualidade dos nossos alunos e sim quantidade, não quem saber se o aluno aprendeu e vai para o segundo e se não aprendeu também vai, então o negócio está que a cada dia que passa a situação está ficando mais difícil.

É possível identificar que a formação inicial, ou seja, os cursos de graduação não influenciaram na escolha para atuarem na modalidade de educação de Jovens e adultos. A narrativa de Sansão faz uma análise macro da situação da educação brasileira. Nesse sentido, Tardif (2011, p. 43), destaca:

A qualidade essencial de um sujeito em formação está, então, na sua capacidade de integrar todas as dimensões do seu ser: o conhecimento dos seus atributos de ser psicossomático e de saber-fazer consigo mesmo; o conhecimento das suas competências instrumentais e relacionais e de saber-fazer com elas; o conhecimento das suas competências de compreensão, de explicação e do saber-pensar.

A nossa escolha pelo método histórias de vida partiu da compreensão que retrata Souza (2006, p.169):

As histórias de vida e as narrativas de formação marcam aprendizagens tanto na dimensão pessoal, quanto profissional, e entrecruzam movimentos potencializadores da profissionalização docente, as quais inscrevem-se na história de vida de cada sujeito, na sua dimensão de ator e autor de sua própria narrativa de formação.

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

Assim, as narrativas memoriais nos faz retornar a pensar no desenvolvimento pessoal, das nossas relações, do processo formativo no percurso intelectual que formamos ao longo da nossa trajetória de vida que construíram nossas experiências em torno de ser professor.

Nesse sentido, pudemos perceber a partir das histórias descortinadas, as similitudes das narrativas, ambos entrevistados são oriundos de famílias carentes; buscaram autonomia financeira jovens, para não dependerem mais dos familiares; escolheram serem professores por falta de opção; são professores da EJA por uma questão de comodidade, para adequar a exaustiva rotina de professor. Assim, como já evidenciado no estudo de Bezerra e Campelo (2008, p. 09) “[...] a motivação do ingresso na EJA não ter sido uma escolha por identificação, mas, por imposição da vida, facilidade do horário’

As memórias narradas dos colaboradores sobre suas trajetórias de vida, faz com que repensemos que é preciso de mais condições para essa abordagem experiencial, que de fato faz com que tenhamos um resgate desde o início até os dias atuais ajudando a repensar sobre a prática desses professores e se estão seguindo um caminho certo ou só estão seguindo por dificuldades do momento.

E dessa forma a prática docente nessa perspectiva não tem contribuído para a efetivação de um ensino que proporcione a aprendizagem significativa desses alunos.

Considerações finais: últimas palavras ...

Considerando que a Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino que contribui na formação da identidade própria e que deve ser trabalhada conforme as necessidade e realidade dos indivíduos e o ensino deve ser transformador e deve dá oportunidade para as pessoas que ainda não tiveram acesso à escola e aos que não conseguiram terminar seu grau de escolarização.

Para isso uma formação acadêmica profissional exige bastante e que se deve ter um olhar especial, especificamente a modalidade de ensino EJA. Por isso acreditamos na formação continuada para que o professor possibilite ter uma participação mais ativa na formação de seus alunos e essencial na busca de sua autonomia na sociedade.

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

Historicamente se foi construindo ao longo dos tempos que a formação dos professores e as práticas educativas são fragmentadas por falta de formação específica, assim deixando que qualquer professor formado possa atuar como docente da EJA. Ainda se tem o pensamento que o ensino da EJA tem como base as atividades infantis por conta dos conteúdos, com isso não se leva em consideração as características que esse ensino tem. Um processo sem prática educativa coerente, os professores acabam sendo não incentivados e o ensino fica defasado sem preparação em enfrentar o dia a dia na formação dos seus alunos com autonomia. Mesmo com esse pensamento a EJA se limita no seu ensino, pois os professores vão atuar na EJA por mera necessidade ou por lotação.

Para fim desta análise, a pesquisa apontou caminhos e descaminhos, pois se percebe que a escolha para ser professor da EJA, são desencadeadas pelas necessidades pessoais e não por motivação e identificação com a modalidade e público assistido.

O processo das narrativas nos permitiu compreender mais ainda que o professor se torna um ator e autor ao lembrar suas lembranças e vivências transpassada, dos sentimentos de angústias e dificuldades que se passaram ao longo de sua formação os levando a ter uma reflexão.

As histórias de vida ampliam nossos conhecimentos e faz com que reconhecemos o EU, pois lembramos e recriamos os fatos que nos passaram afim de reconstruir tudo o que nos aconteceu e procuramos mudanças para nos satisfazer, e com certeza a oportunidade de fazer uma autorreflexão de cada trajetória a partir das fases de nossas histórias de vida.

Foi possível aprender muito com as narrativas dos colaboradores, do quanto uma necessidade do momento interfere na escolha de profissão, pois sabemos que a escolha da profissão não se deu por interesse e sim por necessidade da imposição da vida, mas que ao longo tempo se identificaram com a educação, mas não em específico com a EJA.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Edneide da Conceição, CAMPELO, Maria Estela Costa de Holanda. **Como nos tornamos professores de jovens e adultos?**. In: V Seminário Regional de Política e Administração da educação do Nordeste e VI encontro estadual de política e

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

administração da educação/rn, 2008, natal. V seminário regional de política e administração da educação do nordeste e vi encontro estadual de política e administração da educação/RN - política, gestão e qualidade de ensino, 2008. p. 01-10.

BUENO, Belmira Oliveira. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. **Educação e Pesquisa**. vol. 28 nº 1 São Paulo Jan/Jun 2002.

CATANI, Denice Barbara, BUENO, Belmira e SOUSA, Cyntia. **O amor dos começos:** por uma história das relações com a escola. **Cadernos de Pesquisa**. Nº 111, p. 151 - 171, dez. 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança:** um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática Educativa**, 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

JOSSO. Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Lisboa: EDUCA, 2011.

JOSSO, M-C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo, Cortez. 2002.

NÓVOA, Antonio. Os professores e sua formação. Lisboa, E. Dom Quixote, 1992.

PASSEGGI, M.C. **Memoriais de formação:** processos de autoria e de construção identitária. Anais da III Conferência de Pesquisa Sócio-cultural, Campinas: UNICAMP, 2001.

PASSEGI, M. C.; BARBOSA, T. M. H. **A (re)invenção de si na formação docente**. In: SOUZA, E. C.; MIGNOT, A. C. V. (Orgs.). **Histórias de vida e formação de professores**. Rio de Janeiro: Quartet-FAPERJ, 2008. p.147-165.

_____. As duas faces do memorial acadêmico. Odisséia: Revista do Programa da Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Natal, 2006.

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

PINEAU,Gaston; LE GRAND,Jean –louis. **Les histories de vie**, Paris: PAF,2e.ed.1996.Tradução livre Maria da Conceição Passegi.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes. (2011)

Recebido: 20/09/2018. Aceito: 10/12/2018.

Sobre autoras e contato:

Adriele Texeira de Aquino - Estudante do curso de pedagogia da Universidade Federal do Amazonas

E-mail:adrika_aquino@hotmail.com

Adriana Francisca de Medeiros - Professora DE, Universidade Federal do Amazonas atuando na graduação e pós-graduação.

E-mail:afdemedeiros@gmail.com